

VIOLÊNCIA E AFETO EM PERRAULT: MARCAS NO FEMININO

Regina Silva Michelli (UERJ / UNISUAM)

reginamichelli@globo.com

r.michelli@uol.com.br

A relação com o outro, através de uma linguagem que evidencia o afeto em palavras, gestos e expressões, é uma necessidade humana, espelhada nos contos através dos comportamentos das personagens. Para sobreviver, o homem precisa tecer ligações com outrem, carece de se unir a grupos. O afeto permite que o homem vivencie o seu melhor. Há, porém, um outro lado nessa questão. Se o afeto tende a unir, atos violentos ferem e afastam ou subjugam o outro, ainda que algumas vezes garantam a sobrevivência do próprio eu e do grupo social. A agressão tanto quanto as inclinações afetivas afloram na trajetória da vida do homem em sua vivência grupal: de um lado, o homem obtém conforto e segurança ao agregar-se; de outro lado, precisa submeter-se a parâmetros traçados pelo grupo, abdicando de manifestar comportamentos não desejados. A Literatura Infanto-Juvenil não se furta a representar a vida, tematizando tanto o amor, quanto a violência. Abandono de crianças em florestas, exploração infantil, violência doméstica, mortes, assassinatos, maldições e metamorfoses, tudo isso se vê em contos direcionados à infância. Este trabalho objetiva analisar as ações violentas impetradas por ou contra personagens femininas, bem como as circunstâncias em que o afeto está presente, envolvendo também o feminino. Como corpus, narrativas de Charles Perrault. Como fundamentação teórica, pretende-se recorrer à psicologia social, resgatando os conceitos de afiliação e agressividade; ao trabalho do historiador Robert Darnton sobre os contos de Perrault e a obras de crítica literária, no âmbito da Literatura Infanto-Juvenil.